Anno 16.º | Sabado, 15 de Dezembro de 1923 | N.º 807

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPRFZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões – AVEIRO.

Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

DR. MELO FREITAS

Lá o deixámos no domingo, quasi á hora do crepusculo, na sua ultima jazida, depois de, perante os seus despojos mortaes, terem desfilado, desde a vespera, centenares de pessoas que á sala do Municipio, armada em câmara ardente, lhe foram prestar homenagem antes de, para sempre, se sumir na escuridão do tumulo.

O dia surgiu radiante de sol e o Largo da Republica e imediações apresentava um aspecto magestoso ao organisar-se o cortejo funebre. Ali se aglomeravam, vestindo rigoroso luto, representantes da Junta Geral, Câmara, da magistratura, o funcionalismo publico, clubs e associações de recreio, professorado, a academia, Associação Comercial, bandas de musica, comissões democraticas, bombeiros, alunos das escolas primarias, oficialidade de infanteria 24, cavalaria 8, Guarda Republicana, Marinha e Guarda Fiscal, Imprensa, que já haviam velado o cadaver e, conjuntamente com o resto da cidade, se juntavam de novo em volta do saudoso aveirense ao encetar a derradeira viagem.

Sobre uma carreta da antiga Companhia de Bombeiros Voluntarios, de que fôra comandante, pousou o ataude, coberto com o pendão municipal, recebendo a chave o governador civil, sr. Julio Cruz. Em volta as bandeiras do Recreio Artistico, Academia, Sport Club Aveirense, Cruz Vermelha, Bombeiros Voluntarios e Companhia de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes, bandas José Estevam e Amisade, Rancho de Tricanas das Olarias, Associação dos Empregados do Comercio, Fabrica de Louça da Fonte Nova e Asilo Escola Distrital, cobertas de crepes, e atraz diversas entidades conduzindo corôas e *bouquets* da viuva, filho e netos, da irmã, sr.ª D. Georgina de Melo Freitas, dos sobrinhos, de Humbertino F. de Souza, do *Club dos Galitos*, da sr.ª D. Ermelinda Cardoso e filhos, de José de Pinho, de José Amaro de Carvalho, etc., etc.

A's 15 horas e dirigido pelo advogado, sr. dr. Jaime Silva, põe-se o cortejo em marcha por entre alas compactas de povo que, de olhos marejados de lagrimas, assiste ao seu desfile. A Rua Coimbra, antiga Costeira, oferece um aspecto lugubre, como jámais, em identicas circunstancias, se ha presenciado. Durante o trajecto apenas se ouve, mais alto, a chamada das individualidades, que desta maneira são escolhidas para a formação de

Os turnos

1.º

Capitão do porto, presidente da Comissão Executiva da Camara, Comandante militar, Comandante da Aviação, Director das Obras Publicas, Secretario de Finanças, Comandante de cavalaria 8 e Delegado do Procurador da Republica.

2.º

Presidente da Associação Comercial, Comandante da G. Republicana, Presidente da Junta Geral, Presidente da Junta da Barra, Director da Alfandega, Comandante da Guarda Fiscal representado pelo Director de *O Democrata*, Delegado de Saude e Administrador do concelho.

3.º

Representantes da academia, do Recreio Artistico, do Club Mario Duarte, dos Galitos, dos Construtores civis, das duas companhias de bombeiros e da Associação de Socorros Mutuos.

4.º

Empregados do governo civil, da administração do concelho, da Fazenda, Director da E. P. S. e representantes do Partido Democratico e do sr. Barbosa de Magalhães.

5.º

Dr. Jaime de Magalhães Lima, dr. Antonio Carlos da Silva Melo, Barão de Cadoro, dr. Luiz do Vale, dr. Armando da Cunha, dr. André dos Reis, dr. Manuel Cruz e Antonio Calheiros.

A chegada ao cemiterio

Discursos

Quando o feretro estacionava junto do monumento erguido aos Martires da Liberdade, a multidão, composta de muitas centenas de pessoas, cerca-o e é no meio do mais profundo silencio que o filho do dr. Melo Freitas, agradecendo todas as homenagens prestadas ao seu progenitor, se despede dele compungidamente depois de lhe ter pedido perdão das faltas em que porventura houvesse incorrido.

A seguir fala o sr. governador civil

Julio Cruz

Que diz:

Meus senhores:

Nesta pensativa hora do cair da tarde, desolada e triste, entre meditações de respeito e saudade, vae recolher á sua ultima morada o corpo inanimado de grande cidadão dr. Joaquim de Melo Freitas.

Em nome do governo da Republica e como seu delegado nesta linda e cavalheiresca cidade de Aveiro, associo-me á grandiosa manifestação de sentimento que acaba de ser prestada á sua memoria e deploro compungidamente a perda do funcionario distinto, zeloso e honesto.

No meu nome, eu venho em homenagem da minha veneração profunda e da minha humilde estima inspirada pela mais intima sinceridade, prestar-lhe tambem, muito comovidamente, o preito de saudade e de reconhecimento pelos breves dias em que ele me concedeu a sua amisade e me orientava com os seus conselhos leaes e cheios de experiencia nas lutas de uma politica esmaranhada feita muitas vezes de disputas mesquinhas e sem grandeza nas suas irredutibilidades.

Carater duma lhaneza de trato cativante e um cavaqueador interessante e culto. Morreu! Desapareceu para sempre á nossa vista, mas nunca se apagará da memoria daqueles que com ele privaram, a afetuosidade do seu coração e sobretudo a cidade de Aveiro, a quem ele consagrou toda a sua vida dando-lhe o valioso concurso da sua inteligencia e da sua dedicação, pondo ao serviço da sua terra natal todas as qualidades primorosas que eram um conjunto de belezas civicas e moraes que o tornavam vivamente apreciado.

Os seus conterraneos conservarão dele eternamente a recordação inolvidavel como um dos seus filhos mais ilustres e um cidadão prestimoso.

Descança em paz, morto querido, republicano honrado, patriota insigne!

Dr. Alberto Souto

Se apenas a amizade em mim tivesse de falar, eu não ergueria aqui a minha voz porque não ha eloquencia maior que a do silencio para exprimir a saudade, o sentimento e a dôr que levam ás lagrimas...

Mas ha um dever mais alto clamando na minha consciencia e

na representação que tão mal detenho: é o dever de prestar a este morto querido e aveirense ilustre, a homenagem da cidade que ele tanto amou e tanto enobreceu.

E' que o dr. Joaquim de Melo Freitas não foi um homem vulgar e em Aveiro foi um cidadão distinto entre os distintos.

A consagração que se lhe faz era-lhe devida e honra o povo de Aveiro, porque é uma prova do seu civismo, da sua gratidão e da sua espiritualidade: serve de incentivo e exemplo e demonstra virtudes que muitos julgam apagadas nesta epoca torva de materialidade e egoismo.

Joaquim de Melo Freitas bem mereceu esta homenagem. Alma priviligiada e eleita, amou tudo quanto era justo e quanto era belo, mas mais que tudo ele amou esta terra de que foi durante meio seculo um crente, um arauto, um cantor e um paladino.

Nas ideias e nos sentimentos um nefelibata e um romantico, sincero, franco, generoso: liberal á 1820 e 36, democrata á moda de 90, republicano desinteressado; cavalheiresco e modesto como os precursores de 1910; esfusiante de graça, enternecido de dor, revoltado contra a injustiça, belo como um grego antigo quando contemplava a Grandeza e o Genio!

Duma honradez severa, duma bondade enternecedora, dum pundonor medieval, duma educação primorosa, duma distinção galante, duma jovialidade comunicativa, duma tolerancia nobilissima, duma lealdade sem confrontos, Melo Freitas foi entre nós o ultimo abencerragem duma geração que marcou epoca na vida portuguêsa e foi o cavaleiro andante do bom nome e da galhardia desta terra—paixão e sonho de toda a sua vida, dama eterna por quem ele quebrou lanças nos torneios, para quem teceu grinaldas nos seus escritos, para quem conquistou louros imarcesciveis na tribuna de que foi um incontestavel e inconfundivel ornamento.

Conversador de raça, publicista, orador, critico: dispersando, pulverisando, esbanjando o seu talento enorme em mil pequenas produções, tratando na conversa, no artigo, no livro, na conferencia e no discurso os mais diversos, dificeis e ingratos assuntos: semeador de verve, de graça, de alegria educativa e sã, faltou-lhe apenas a obra disciplinada e profunda o seu espirito era capaz de conceber, mas que esta terra—somente—impediu e impossibilitou.

Não se julgue estranha a afirmação: é que ha em Aveiro um encanto misterioso, no ar, na luz, no ceu, no verde das agras, no riso das crianças, no donaire helenico das mulheres, na dolencia das aguas, no cheiro da marezia, na sedução da planura, nas cores dos poentes, que nos envolve, inebria, perturba, arrasta e inutilisa para as obras de rigoroso labor mental e só nos torna poetas, bohemios, romanticos e sonhadores!

Melo Freitas, aveirense até á medula, teria subido alto se quizesse, mas não poude reagir contra a magia desta sereia que é a nossa terra, caiu-lhe nos braços, deu-se todo a ela e apagou-se na humildade do nosso viver, fazendo uma obra e uma vida essencialmente aveirenses: gracil como as suas *Violetas*, vaporosa como o nosso ambiente, *transparente* como as suas *Ironias*, inconsistente como a neblina da nossa paisagem; mas toda Aveiro, repassada de beleza e de ideal, impregnada de democracia, olulante e cantante de liberdade como todo o espirito deste povo que ele encarnou e consagrou.

Mas foi, entre nós, distinto, brilhante, admiravel, e aveirense como ninguem, ou melhor, como nós o deviamos ser sempre em todos os lances, perante tudo e perante todos!

Faz uma falta imensa a Aveiro essa figura dos tempos idos, espirituosa, viva, gentil, sempre moça no garbo e nas ideias, no aprumo fisico e no aprumo moral, que fazia as honras da terra a todos os hospedes e levava a toda a parte a fama desta cidade que mercê do seu talento, do seu bairrismo, do seu trato, da sua ilustração e do seu *aplomb*, muitas vezes apareceu aos olhos dos estranhos maior do que era, e superior ao que valia.

Faz falta esse orador que, entre as *suas historias*, tinha rasgos tribunicios de subido quilate e verdadeira eloquencia, na ideia e na forma, na imagem e na linguagem; improvisador espantoso, exuberante de memoria, cheio de sentimento, rico de evocações e prodigo dos seus meritos, que nunca deixou passar um momento de tristeza ou de alegria do seu berço, uma hora de luto ou de festa do nosso povo, um instante de desgraça ou de triunfo da Patria ou da Humanidade sem que a harpa da sua voz soltasse ao vento os seus acordes, interpretando o nosso sentir e fazendo vibrar em unisono as cordas da nossa alma!

Quem ha aí que o possa substituir?

Qual de nós sentiria forças e teria dotes para preencher esse logar que ele criou na nossa terra e desempenhou com tanto talento, com tanta bondade e com tanto relevo?

Nenhum!

Melo Freitas, havia um só, e esse levou-o a morte, deixando um crepe eterno a cobrir o seu logar, aberto e vago para sempre nesta terra que o pranteia!

Aqui estou eu que fui seu discipulo na paixão bairrista, mas que me senti sempre velho junto das suas brancas e sempre insignificante, mais que insignificante—nulo!—em face das suas faculdades!

E perante a sua morte sinto morrer alguma coisa na minha alma de aveirense!

Sinto chorar em mim a alma da nossa terra! Sinto luto no ar, nos rostos, nas almas, nas coisas—sinto frio no coração!

E' a alma dos aveiros a chorar dentro de mim a perda de tão saudoso amigo!

* *

Fogem para longe a hibernar na quentura de terras longinquas e misteriosas, ao chegar do inverno, as andorinhas.

Emudecem nas balsas, quando o verão incandesce e as rosas murcham, os rouxinois do maio florido e morno.

No cair desta invernia em que o ceu se desfaz em lagrimas sobre a poesia do passado e a terra se encharca do materialismo, egoista e grosseiro da epoca, calou-se a garganta do nosso rouxinol que durante 50 anos gorgeou nos muros da nossa terra, embalando, educando e encantando umas poucas de gerações.

Pois que descance no seio de Deus o seu espirito, mas emquanto viver um aveirense como eu, que o ouviu, o eco da sua voz ha-de ser intendido sempre, ao voltar da primavera, nos rouxinois que costumam vir cantar-nos, á encosta deste cemiterio, as saudades dos nossos maiores!

* * *

Em nome de Aveiro—homenagem, gratidão e saudade imperecivel ao seu dileto filho! A'quele discipulo fiel do imortal espirito de José Estevam que com mais emoção e maior paixão soube encarnar todo o anceio da alma simples, popular, democratica, liberal e afetiva da nossa querida terra!

Saudoso amigo, ilustre aveirense, querido conterraneo, patriota insigne, portuguès de lei—oh! bom! oh! justo!—em nome de Aveiro—adeus!

Dr. Jaime de Magalhães Lima

Horas sinistras, austeras provações nos mortificam, severa crueldade nos despoja das melhores e mais veneradas riquezas do nosso patrimonio! Possa a coragem vencer a calamidade e converter em fé e esperanças as amarguras tragicas da adversidade!...

No curto espaço de breves dias—breves pelo tempo que contaram, longos, infinitamente longos, pelas dôres com que nos pungiram—no curto espaço de breves dias, aqui se juntam neste chão sagrado de silencio e paz tres dos homens que durante cinquenta anos foram alegria dos nossos olhos, conselho das nossas acções, exemplo de superiores virtudes, conforto do nosso animo e vigoroso esteio da nossa dignidade. No curto espaço de breves dias aqui vem a tornar-se em pó em quanto a nossa lembrança atribulada o pó lhes contiverte em sacramento, aqui adormecem para sempre João da Maia Romão, Antonio Emilio de Almeida Azevedo, Joaquim de Melo Freitas, tres homens bons que a amizade e o respeito mutuo uniu na vida e que a morte consagrou numa só saudade—João da Maia Romão, amigo querido de José Estevão, ultimo depositario do remanescente da mais nobre e fortificante das nossas tradições, que directamente a houvesse recebido das mãos de quem vinha, derradeira alampada acesa de uma época copiosamente iluminada de genios propicios; João da Maia Romão, espirito de abençoada scintilação que soube sorrir ás nossas fraquezas e senti-las sem as agravar, porque se as reconhecia e apontava, logo em veus de indulgencia as absolvia, por magia de sua alma transformando em formosura e bens e riso e graça a debilidade alheia e a fealdade, senhor desse segredo da bondade, que se comunica e ensina por doçura e não sabe querer mal nem desprezar; Antonio Emilio de Almeida Azevedo, paladino esforçado da dignidade da vida publica, servindo-a com uma robustez de tenacidade, estudo, lucidez e desinteresse que não conheceu desalento e foi brazão seu e nosso; Joaquim de Melo Freitas, alma de apostolo, veemente e infatigavel, sarcerdote da religião do amor da sua terra e da sua gente, para o qual na sua terra não houve grandeza dos homens ou das coisas que no seu peito não achasse reflexo e o arrebatasse e que a confissão ardente de louvor podesse calar ou minguar. Este poderá repetir com o Poeta que "a sua terra amou e a sua gente,, e desta unica gloria vai *contente*. Outra não quiz nem outra o cativou, e sem que outra apetecesse e procurasse, sem que vaidades do mundo o prendessem e podessem desvia-lo da jornada que o coração lhe traçou, não maldisse da sorte porque tão pouco déra a quem tanto tinha o direito de exigir.

Dos primores literarios que Joaquim de Melo Freitas nos lega, os mais belos e rútilos, os mais abundantes de comoção e encanto são aqueles em que nos descerra a intimidade dos caracteres mais distintos da sua e nossa terra, ou esses caracteres fossem José Estevão e Mendes Leite, repassados de heroismo e sublimidade, ou esses caracteres encontrasse, no peão mais rude e no plebeu mais humilde que nessa soberba ingénita não nos deixára até aquele instante de revelação destinguir da massa anonima, e que a sensibilidade de poeta de lá desentranhou para os restituir á humanidade, para os engrandecer e mostrar nas singularidades pelas quais esmaltaram as apagadas sombras do comum. Esse foi o mais belo dos milagres da sua arte, aliás tão opulenta de movimento e côr; esse poder lhe veio do acrisolado amor da sua terra que bebeu no leite materno e toda a vida lhe alentou as veias. Pela constância se lhe tornou como razão de ser legitima da existencia.

Quando Joaquim de Melo Freitas começou a frequentar a Universidade de Coimbra, logo ao fim do primeiro ano do seu curso ali lhe foram reconhecidas as suas notabilissimas qualidades de aplicação e estudo, seu desejo ardente de saber e cumprir. A' minha mocidade foi apontado como encarnação de uma promessa que por honra sua e nossa o tempo não negou.

Para o seu temperamento de apostolo, desde a escola e sempre o saber foi acto de consciencia; se muito o cultivou em termos de prazer, como um banquete divino, não menos o buscou em termos de dever, como obrigação de regrar e esclarecer a vida pela razão. O saber, para ele, foi muito mais do que um deleite; foi simultaneamente o missionario da rectidão e da justiça, guia imprescindivel da vida honesta. Estudava, de continuo interrogava os livros como os mais seguros dos companheiros, e aos livros pedia que o auxiliassem a descobrir o caminho que o havia de conduzir á presença da felicidade, não da felicidade propria que toda consistia em servir dedicadamente a sua terra e o seu tempo, mas da felicidade dos homens por cuja fortuna ansiosamente trabalhava e cujas desventuras amargamente lhe tocavam as profundezas da alma.

Moço, activo, espirito brilhante e acolhido com simpatia calorosa por quantos o conheciam, cercado de influencias generosas, entre as quais a estima geral que esta cidade votára a seu pai não seria o menor apoio para quem em ambições se enlevasse, aberta diante de si ampla e franca a carreira das dignidades e dos proventos, Joaquim de Melo Freitas teve a hombridade de passar sem desfalecimento por essas tentações naturais da juventude e, ávido de liberdade, que os cargos e o peso das riquezas excluem, preferiu-lhes a simplicidade, e o amor e a modestia de uma condição vulgar, vivida entre aqueles de quem nascera e passada sob a limpidez do céu e junto do rumor das aguas que lhe protegeram o berço e foram sustento constante e inexgotavel dos mais puros enternecimentos do seu peito. Não fôra ele que na idade que não sabe dissimular e não teme, e nem sequer sabe guardar do contacto sacrilego dos profanos os êstos de paixão que nos anseiam o peito, não fôra ele que candidamente disse que «a lembrança do exilio o deixava transido de terror?» Não fôra ele que cantando a formosura da sua terra, no trasbordar do carinho da alvorada ardente que lhe abria as portas da vida, não fôra ele que em suas preces pediu aos céus que «derivados os frágeis dias da sua curta vida, envolta no silencio e no descanso perpétuo, o trouxessem a dormir no seio da patria estremosa o ultimo sôno ao pé dos ossos frios e inanimados dos seus, e bafejado pelas saudades daqueles que deveras o estimavam?»

Consumados estão seus votos. Das suas bençãos sejamos nós testemunhas. Vae descer á sepultura com o peito liso de veneras, sem outras além daquelas que lá sejam gravadas pelo amargor das lagrimas dos que pranteiam a sua morte.

Aveiro bem sabia quanto Joaquim de Melo Freitas amava a sua terra, e em vida lhe deu por inalteravel e solicito afecto o que por afecto ele perdera em grandezas, e lo e espontaneamente abdicando de as conquistar, exactamente quando na pujança dos anos, fortalecido pelo brilho do seu espirito, riquissima arma de conquista do mundo, as grandezas lhes seriam faceis e mais o poderiam seduzir. Aveiro conheceu-o, e pagou-lhe pontualmente o que lhe devia, seguindo lhe os passos e iluminando-os com o resplendor de simpatia que era a coroação condigna da sua fidelidade ao lindo torrão que o criára. Bemvindo entre os grandes pela gentileza que o adornava, e pela honestidade que o nobilitava, querido dos humildes em cuja alma comungava nos trabalhos, nas freimas e nas penas, como nas alegrias e na bôa fortuna, Joaquim de Melo Freitas podia ter tido adversarios naqueles mais fracos ou menos acautelados que a sua sêde de justiça houvesse flagelado, por presunção acertada ou ilusória de erros e culpas; tinha amigos naqueles que a sua estima acolheu, como merecedores de dedicação e respeito, porque lhes pressentiu ou sonhou bondade ou nobreza; mas, adversarios ou amigos, ninguem o ignorava, todos lhe reconheceram a autoridade intelectual e moral com a qual não podiamos deixar de contar, e ninguem o desterrou da sua consideração para aqueles reinos do olvido e da indiferença que são o castigo de toda a nulidade e de toda a esterilidade, o anatema de todo o homem que vivendo em sociedade não soube honrar nem servir a comunidade a que pertence.

Muitas vezes nos teria provocado a oposição, muitas mais nos teria exaltado o aplauso, não poucas suscitaria a gratidão; mas nunca, em conjuntura alguma em que nos encontrasse empenhados, e frequentemente embaraçados e agoniados, nunca a sua presença deixou de se sentir como qualquer coisa misteriosa que nos movia, emquanto ela só por liberalidade se movia. Quer o apoiassemos, quer o contrariassemos, quer ele nos favorecesse, quer ele nos combatesse, sempre entre Aveiro e Joaquim de Melo Freitas flutuava abundante certa essencia imperecivel em que afinal as dissensões como a harmonia se confundiam na amizade indestrutivel donde tinham vindo e onde se igualavam e refugiavam de toda a passageira hesitação.

Republicano, declaradamente republicano desde que entrou em idade de ter e manter convicções politicas decisivas, colocado pelos acasos do destino em uma situação na qual se amiudavam ensejos de pôr em prova a sua lealdade, nunca ninguem contrario ou estranho ao seu gremio politico lhe regateou a confiança que a certeza inabalavel dessa lealdade exigia, como nunca tambem ninguem que a essa lealdade se houvesse entregado teve que se arrepender por um só momento. Na generosidade do seu animo não houve principios irreconciliaveis. Sem duvida, uma intuição superior e advertia de continuo de que quanto devemos á logica e coerencia das nossas ideias e á ambição do seu triunfo é nada, uma poeira que sómente cega os miopes, comparada com o respeito que um homem deve a um homem, comparado com quanto o coração deve ao coração e invariavelmente sem constrangimento lhe tributa, se o coração é robusto. A sua lealdade deveria ser-lhe facil; corria de fontes puras que jámais se secavam na sua alma.

No seu misticismo, naquela suspeita de forças invisiveis que regem a vida e o nosso entendimento não alcança, muitas vezes ouvi dizer ao dr. Joaquim de Melo Freitas que ele chegava a persuadir-se de que os homens bons morriam de repente. Citava exemplos, numerosos exemplos de pessoas das nossas relações que haviam tido um passamento instantaneo, e raro se encontrava uma que fizesse excepção áquela suposta regra. Pareceria que a fatalidade apiedando-se da bondade queria poupar-lhe agonias e abreviava o transe daqueles em quem a bondade habitára.

Se assim fosse, a morte instantanea do dr. Joaquim de Melo Freitas seria a vereficação final da sua bondade. E nem por muito pouco que a razão nos afoite a aceitar tão arrojadas conjecturas, nem por isso deixará de nos perturbar esta coincidencia caprichosa da realidade do sonho do poeta vindo a premiar a sua propria virtude.

Perante os restos mortaes de um homem de bem que vão perder-se na escuridão, interrogando a saudade para que ela me revele o segredo da sua sedução, aqui se me repetem as palavras memoraveis de Tucito lamentando a perda da Agricola-lição eterna, eterno pregão da nossa divida á memoria daqueles em cujo sangue a honestidade pulsou:

«Se ha um lugar destinado aos manes do homem virtuoso, se, como a sabedoria pensa, as grandes almas não se dissolvem com o corpo, descanse o justo em paz e, erguendo-nos acima de vãos pesares e lamentações pusilanimes, chame-nos á contemplação das suas virtudes que as nossas lagrimas e os nossos soluços profanariam. A nossa admiração, o nosso louvor imortal, a nossa semelhança, se a natureza o consente, melhor que as nossas lagrimas e os nossos soluços honrarão a memoria do justo. Seja essa a homenagem que a amizade nos impõe. Só a alma é eterna. Não ha arte que a guarde e grave nas coisas que a terra consome. Só em nossos costumes pode viver; em nossos costumes recebâmos esta de cuja morada terrena neste momento a fatalidade a apartou!

Acacio Rosa

Perante o tumulo que hoje se abre para receber, na eternidade do seu silencio, o corpo já inerte do dr. Joaquim de Melo Freitas, eu não sei coordenar uma corôa de flores que seja como que a sintese, ainda que palida, do meu sentimento. Sou forçado, porém, a tentar traduzir, por gratidão e justiça, em poucas palavras, os soluços que me trazem aqui num grande afecto e numa grande saudade.

A'parte as suas caturrices, em que, aliás, se manifestava o seu coração, e tambem, em rajadas de luz, a sua inteligencia e a sua cultura literaria, o dr. Joaquim de Melo Freitas foi um dos meus maiores amigos. No periodo revolto do meu jornalismo obscuro, nunca bati á sua porta sem que ele m'a abrisse com benevolencia e carinho. Nesta hora de amargura, sem ressentimentos por ninguem, eu recordo mesmo, uma scena de pugilato que ele teve, por minha causa, ha treze anos. Com meio seculo de idade, já sem aspirações, eu sinto-me, na ante-camara de um tumulo, a pedir perdão a um morto.

Eu estou de luto pela morte de minha mãe, da minha velhinha que eu vi morrer na minha casa de Verdemilho ha quinze dias.

Ante-ontem, pela manhã, quando aproveitei o tempo para começar a agradecer as manifestações de sentimento que me foram dirigidas, eu respondi ao dr. Joaquim de Melo Freitas com uma carta que foi escrita, ainda na ignorancia da sua morte, sem saber que a essa hora já era cadaver. Dizia-me ele:

Aveiro, 28—XI—1923.

Meu caro Acacio,

Eu e minha mulher damos-lhe sentidos pesames pela morte de sua prezada mãe. Tinhamos tenção,—os do Governo Civil—de irmos ontem a sua casa, mas saímos muito tarde. Parece que no sabado aí iremos.

Creia-me seu am.º obrig.mo.

Melo Freitas.

A esta carta respondi com outra carta nestes termos:

Verdemilho, 7—XII—1923

Meu ilustre amigo:

Se é certo que a carta de V. Ex.ª me provoca novas lagrimas, não é menos certo que a agradeço com todo o reconhecimento.

V. Ex.ª tornou-se credor de uma divida que eu não desejo pagar.

Do coração se subscreve, por isso, profundamente grato, de V. Ex.ª e de sua Ex.ma esposa, a quem eu peço apresente os meus cumprimentos, o que é

Am.º certo e admirador,

Acacio Rosa.

Esta carta foi escrita mas não houve correio que a podesse levar ao seu destino. Tive eu de a vir trazer á beira da tua campa, abencerragem penultimo de uma geração que foi grande na nossa terra. Sem lembrar as tuas manifestações de inteligencia e de caracter, porque não tenho tempo nem coragem para as descrever, ainda que numa sintese fugaz de coração, eu recordo o teu canto de cisne, numa homenagem a Guerra Junqueiro:

«Boabdil, rei de Granada, chegado ao monte Padul, donde se descobria ainda a gracil cidade, lançou sobre ela um ultimo olhar e um choro convulso o dominou.

«Coimbra! fulcro de deslumbramento, nas tuas colinas, povoadas de sonhos, soerguem-se entre vales pujantes dois pitorescos pincaros—os *penedos da meditação e da saudade*, que são dois simbolos do nosso pezar—ai de nós!—velhos, archaicos academicos restos seus duma juventude que floriu morre petala a petala».

...E mais uma petala morreu!...

Aves que cantaes neste cemiterio, que embalaes no vosso cantico os tumulos de José Estevam, de Mendes Leite, de Bernardo de Magalhães, do dr. Agostinho Pinheiro, de Edmundo de Magalhães Machado... e, recentemente, do filho querido do dr. Luiz de Magalhães e dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo; aves que sorris nas campas dos nossos homens mais ilustres, já desfeito o veneno da politica que os envolveu, aves do meu tempo, aves que sois sentinelas de amor neste campo de silencio eterno, ouvi-me e dizei ao espirito desse morto ilustre que houve um velho amigo da aldeia, onde ele algumas vezes foi buscar rosas ao seu jardim, dizei-lhe, repito, que esse amigo não o esqueceu numa hora amargurada de tristeza e de dôr.

Eu não quero alimentar a vaidade de pretender provar neste logar a alta capacidade intelectual do dr. Joaquim de Melo Freitas. Essa missão impõe-se, por certo, a outras pessoas que são mais competentes do que eu e que não esquecerão a homenagem que lhe é devida.

Deixarei, por todos os motivos, a logica das apreciações intelectuaes para os outros. Para mim, reservo apenas, uma fase do seu coração e, por isso, recorro ás aves deste cemiterio para que elas sejam mensageiras do meu sentimento perante o espirito do nosso amigo.

Eu vi, não sei em que livro ou jornal, que o espirito não se afasta, de repente, do corpo que abandonou. Creio, portanto, que o teu espirito deve vaguear por estas paragens, sentindo bem o amor daqueles que aqui vieram numa eloquente romagem de saudades, ainda que todos nós—porque não o havemos de confessar sobre esta campa?!—tenhamos a pesar-nos sobre o coração, como se fosse um grande bloco de pedra, aquele conceito de Tomaz Antonio Gonzaga:—«As glorias que veem tarde já veem frias».

Estamos aqui, e, porque te não vejo, espirito de uma amizade que não esqueço, peço ás aves, que são talvez mais puras do que eu, ás aves que aqui se refrescam no orvalho das campas e que cantam o soluço dos que vegetam a saudade do seu luto, peço a essas aves, que terão, talvez, trinado os seus cantares á sombra daquela arvore, sentinela do tumulo de José Estevão, e desta caluna de pedra, talisman de amor e de liberdade, onde hoje se confunde a alma do dr. Joaquim de Melo Freitas, arvore e colunas que são particulas da nossa historia e do nosso amor, aves de que eu talvez para sempre me despeça, cantem, cantem a vida ultima de um dos grandes e esquecidos amigos de Aveiro.

E assim terminaram os funeraes do dr. Joaquim de Melo Freitas, que em Aveiro deixou um rasto luminoso da sua inteligencia e ilustração, sendo a sua morte, por isso, extraordinariamente sentida.

No proximo numero publicaremos uma carta do sr. dr. José de Matos, de Viana do Castelo, com os pêsames do *Sport Club Vianense*, o que hoje não fazemos por absoluta carencia de espaço.

Mais um...

Em Lisboa produziu-se na segunda-feira outro movimento de caracter revolucionario, que foi prontamente sofucado, trazendo, porém, como consequencia, a queda do ministerio.

A situação politica complica-se, portanto, cada vez mais, não sendo para admirar que outros acontecimentos de maior gravidade surjam dum momento para o outro e que tenhâmos dentro em breve uma ditadura militar ou coisa parecida.

As lutas politicas, desprestigiosas para o regimen e intoleraveis para a economia da nação, é que se não podem nem devem admitir por mais tempo.